

Rey Vinas

# HUMANIDAD

CASA DE DEMOLIÇÃO

12 poemas em voz alta



PROJECTO  
EDITORIAL

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



Rey Vinas

# Humanidad

Casa de Demolição

12 poemas em voz alta

Projecto Editorial

**Para**

Elisabete

Nadja

Bia

Nathália

Ana Elisa

Emanuel

Tarcísio

Vinícius

Léo

© 2013 Rey Vinas

Todos os direitos desta edição estão reservados ao autor.

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Livraria Suspensa

CAPA

RONES LIMA

PREPARAÇÃO

Elisabete Vinas

VINAS, Rey.

Humanidad: casa de demolição. Brasília: Projecto Editorial, 2013.

66p.

ISBN 978-85-88401-64-8

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD 869.91

CDU 869.0(81)-1

# Sumário

Sumário

Insônia

Humanidad

Cameroni

Felinos

Secos

Globalização

Tudo tem um fim

Desde que te amo, estou só completamente

Partituras

Sal

Passarinhos

Parla

Índio

De Vincent para Ana

# Insônia

Este livro é produto de uma inquietação, um descompasso com o mundo, o entorno – *zilhões* de carros, mil pedágios, abandonos, fomes, farturas, frituras, palafitas; crack, tiros, cocaína; bárbaros, balas, burkas, carnificinas...

Todos aqueles a quem os originais foram oferecidos para uma primeira leitura, quando sua *arquitetura lírica* ainda estava em construção, demonstraram certo desconforto com sua temática principal – a do poema mais longo (*Humanidad*), inteiramente concebido numa noite insone.

Talvez ele seja apenas isto: o resultado de uma noite mal dormida, sob a convulsão de ansiedades inexplicáveis, anemias incuráveis, aspirações sutis, decepções crônicas, irritações líricas – o gênero humano, esse exemplar magnífico, movendo-se sobre a terra como um ninguém, uma coisa de nadíssima, um nada de nenhures.

Alguns o disseram apocalíptico (o poema), quase religioso. Nem tanto: é mais uma enunciação desalentada diante de nossa opção insistente em sermos humanos mínimos, ou minimamente humanos, como preferirem.

## O Autor

# Humanidad

**Quando** à noite  
cair  
o último dia  
da Terra  
– fuga dos raios de Sol  
sob a janela,  
o pó dos homens  
a evoliar do (sub)úmido asfalto –,  
a penumbra avançará  
seu manto de seda  
sobre todos os homens.

\*

**Soluços** de penedos,  
árvores seculares,  
matas fechadas,  
círculos de fogo,  
leões inquietas  
nas savanas,  
em pálidos céus de agosto.  
Nunca mais estarás comigo.

**O mundo** haver-se-á  
tragado pelo forte fumo  
de Zeus  
que arde em todas as coisas.

\*

**A nossa** pele será sedenta  
do que não sabe,  
súbita e verde  
das oscilações do tempo,  
tarde e manhã evaporadas  
sob a chuva de pedras  
das indecisões calcárias.

\*

**Rios** transbordantes  
descerão do alto dos edifícios  
sua salobra água de alumínio  
e vento, em silêncio,  
o eloquente silêncio  
das monumentais derrotas  
que tivemos.

\*

**Raios**, rastros  
diante de nós  
consumirão a gaze  
das gazelas,  
os idílios submersos  
sob séculos  
de uma devoradora fome  
de famintos.

Inútil  
deter a força  
da tempestade.

\*

**Innnn** siii shhhs,  
as sirenes ecoarão eternas,  
as ruas estarão fechadas,  
as beatas (com seus olhos bestas)  
vazarão seu viscoso verdeazul  
preconceito espumoso  
contra o humano mundo  
das coisas que erram  
– porque erra o mundo.

\*

**O coração** da nave arderá,  
implodido de ansiedades  
– palms, micros, micra,  
aeronaves, altiplanas aves  
de platina e ópio,  
celulares,  
seculares ansiedades  
divididas com a derradeira

boneca inflável.

\*

**A chuva** permanecerá  
ácida e constante  
do lado de fora,  
a derreter nos portos sombrios  
a última carga d'esperança  
que envileceu  
à espera das inações  
da alfândega.

\*

**Os cães** morreram.  
A água das calhas  
(em aço inoxidável),  
o veio das caixas  
(de amianto),  
o gordo aquoso  
das barricas  
(marmóreas)  
no alto das torres  
de alvenaria e palha  
– a água estará estilhaçada  
da baba dos sedentos.

\*

**Esperaremos** assim  
por quanto tempo?

A quanto infortúnio  
fecharão o rosto  
– frios braços,  
dedos lassos –  
os que só odeiam?

\*

**Sangrando** os pés  
as pedras  
ao pé de sagradas montanhas,  
no alto de inúteis degraus:  
quando descobrirão

os homens  
as falas  
que conduzem às falsas  
santificações?

\*

**Pálido** e doente,  
cada vez mais pálido e doente,  
arqueado entre as cercas,  
há mil horas,  
soterrado pelas perdas  
de mil palavras tontas,  
mil injúrias  
atiradas no rosto de quem amas,  
suportarás como  
a angústia do Eterno?

\*

**Zum zum**, um dínamo  
na cabeça, uma qualquer  
bomba de um qualquer titânio,  
um hidrogênio raro  
capaz de deixar vivas  
só as pedras no raio de  
um quadrilhão de almas  
em desespero.  
Arma de ensurdecedor  
som agudo trovejante  
trummm  
como os gritos do degenerado.  
De pé somente os edifícios azuis,  
– lindos – a cintilar sua oca matéria  
de arrogância e éter,  
a refletir na arqueluz faiscante  
dos tetos de vidro  
a nossa imbecilidade.

\*

**Desaparecidos**

*finish*

da face do planeta,

quem descortinará  
a cantante face  
que tivemos?

\*

**Quem** ouvirá  
nossa alegoria  
e sorrirá (ri)  
conosco  
a nossa tímida  
alegria?

\*

**Quem** celebrará  
os achados da  
brutal ciência  
que erguemos  
sobre o Homem  
e apreciará  
*bah*  
as reflexões  
de nossa mais  
insípida  
filosofia

– se de repente  
desaparecermos  
como *ná* de nada,  
*nó* de nódulos,  
pátina de pó,  
tornados vã  
poeira cósmica?

\*

**Como** nos contentar  
em ser *mi* de migalhas,  
se nascemos deuses?

\*

**Existiremos** afinal  
para finalmente ser  
somente o arco-sopro

de um surto  
planetário  
duns dias,  
consumidos  
por enquanto aqui  
no tumulto das horas,  
no tempo monótono  
sem fim  
das casas de família?

\*

**A vaga** luz  
que nos sobra  
no rés das réstias  
dos quartos úmidos  
em que estamos  
soterrados  
ficará nas frestas  
do último suspiro  
suspirado.

\*

**A ânsia** de sobreviver,  
a luta da consciência  
contra um mar,  
minuto a minuto,  
é o que nos deixa assim  
vítimas do grito,  
a desesperançar  
na linha dos tiros  
atirados a esmo?

\*

**Ou será** uma outra  
matéria dúbia  
a nossa,  
de graves dubiedades,  
a se rebelar constante  
contra a divindade  
de nossa natureza?

\*

**Por que** fugimos tanto  
na direção do ar,  
levando na derrota  
do caminho o óleo  
saturado dos faisões  
do dia, tostados no fogo  
das fogueiras  
onde ardem os potros  
e o sangue das novilhas?

\*

**Seguimos** porque  
na contraluz do engano  
nos apetece o gozo  
momentâneo  
de corpos suados,  
de ilusórias coxas  
e bustos torneados  
(apesar da fausta  
futilidade  
trazida na algibeira,  
de autopesos carregados  
na inconsciência  
atroz corrupta).

\*

**A volúpia** do ter  
somente para si,  
a corroer silente  
a alma que nos resta,  
reta,  
é o que nos desmorona,  
pálidas imagens,  
cópias malgravadas  
em carrara  
de um imperfeito Altíssimo.

\*

**Escuta:** algo  
nos diz, no vento  
que voa leve

(no ouvido  
de toda gente  
que não se satisfaz  
no olvido  
dos demais da Terra),  
que há um lavor  
a nos dizer  
a seta  
do verdadeiro  
humano.

\*

**Ouçá-o,**  
na fúria do vento  
que tão leve voa  
no lume desta tarde:  
algo nos diz,  
ali entre as palavras,  
da paz que inda  
nos resta  
e arde como fogo.

Escuta!

E se já não puderes  
emitir um som de prece,  
ergue para o alto  
o olhar que falta  
entre os olhares todos  
que deste para o mundo.

\*

**O ter** somente para si  
enquanto outro  
amarga a probreza  
do mundo;  
a fartura como mãe  
do desperdício,  
enquanto outros  
amargam  
o só barro do mundo;  
a vida entre perfumes,

quando muitos  
desintegram-se em inodores  
na podridão do mundo...

Isto é o mal  
em estado puro.

\*

**E se já** não o vemos  
nas cortinas de veludo,  
nos apetrechos  
que nos deixam mudos  
ante o último  
artefato tecnológico,  
é que já nos perdemos  
em desumanidade,  
nós que tínhamos tudo  
para Ser,  
e nos contentamos  
a tudo pertencer  
tão próximos do nada.

\*

**As artérias** entupidas  
de esclerose,  
o veneno nas veias  
a vazar do último  
banquete  
em que comemos tudo,  
em que bebemos todas  
as taças que nos deram  
até a explosão  
dos músculos  
flácidos  
de ociosidade  
e glotonaria,  
isto é ah  
cândido amarelo  
de assados e frituras.

\*

**Olhemos** para o lado,

àquele que sofre  
silente,  
e então seremos(?)  
de verdade.

O que nos falta,  
de estarmos verdes,  
de não ver  
o vermelho sangue  
dos irmãos exaustos  
na labuta inútil?

\*

**O esforço** das mãos  
já não vale o trabalho.  
Nas mãos corre o baralho  
de lançar a sorte,  
um lance de dados  
a esperar a morte  
enquanto a vida escorre  
por entre os dedos,  
nas grossas falanges  
calejadas  
do chão tumultuado.

\*

**Viver** morrer escravo  
do que se faz na vida  
e que desfaz a vida  
a cada dia um pouco  
até deixar só pele  
e osso degradado  
na desumana lida  
dos dias de trabalho.

\*

**Madeira** porca parafuso  
esterco faina parafuso  
tijolo telha parafuso  
fuso roca parafuso  
terno gravata parafuso  
cordeiro ave parafuso

serra madeira parafuso  
capô calota parafuso  
homem espantalho  
paramudo.

Labutar, tecer, lavrar,  
as roupas da esperança,  
escadarias,  
até restar a neve  
de lembranças pálidas,  
alva neve fria  
de enregelados dias  
(antes que leve tudo  
a lama das vertigens).

\*

**O amor** humilhado  
entre paredes,  
os dedos já não tocam  
a pele gasta, o rosto  
dilacerado pelo tempo.  
Há quem tente reter  
o tempo, deter  
o amor no vento.  
E hajam pós, pinturas  
faciais, esteiras,  
esteroides anabolizantes,  
esterilizados amantes  
de uma noite,  
afeto cravejado  
de pérolas frígidas.

*Zê*

de zilhões de

**AMORES**

soterrados, desfeitos  
na velocidade da luz

de beijos **interGalácticOs**.

**Quando** ouço dizer

*Devemos salvar*

*a Terra*

penso

*a Terra em sua*

*trajetória cósmica*

*de zilênios*

*salvar-se-á a si*

*não importa*

*o que desaconteça.*

\*

**Nós** é que iremos

nos desfazendo

em massa informe,

vapor de espécie,

limos do Universo.

Nós é que iremos

em espírito

talvez

a uma outra

apagada estrela,

talvez

dejetos do planeta.

\*

**Como** é possível

que essa frágil nave

mergulhe nas sombras

penumbrosas

desta Via Láctea,

na borra nebulosa

de intensos asteroides

e buracos-negros,

e de lá retorne

intacta

quiçá mais bela

ave?

Terra...

\*

**Há hoje** em um  
lugar qualquer  
do Ártico

**100.000km<sup>2</sup>**

de matéria plástica  
lançados no oceano.

\*

**O que** farão  
(o que farás)  
ao descobrir  
intacta  
sob essa camada  
de flácida nervura  
a resplandente  
condição de aurora  
de toda a Humanidade  
(perdida para sempre)?

# Cameroni

**O desacordo** com o mundo  
de L.P. Cameroni  
deu-se aos 20 anos,  
quando ele sentiu  
que as chuvas chegariam  
arrasadoras  
e inundariam o homem  
e sua terra.

\*

**Cameroni** havia adquirido  
muitos dons;  
os talentos brotavam  
de seus dedos  
como flores no campo,  
mas andava triste.

\*

Já não cuidava  
como antes  
de seus cabelos ralos,  
coelhos e lontras;  
o velho carvalho ficara  
esquecido um pouco,  
tomado de vegetação  
parasita  
– erva daninha!

\*

**Na base** do coração  
um endurecimento de vidro  
começava a se formar  
liso e transparente  
(incômodo de qualquer forma),  
pequenino, invasivo  
como uma doença

nas células do sangue  
espécie aguda de dor  
que – pura sorte! –  
não doía  
muito.

\*

**As unhas**, rojas,  
incomodavam,  
fracas e sem vida,  
injetadas dum amarelo-ouro  
empoeirado de cinzas.

\*

**Cameroni** olhava do alto:  
a derrubada da floresta,  
o fogo, as línguas de fogo  
lançando explosões no céu,  
labaredas  
verdes do húmus  
vivo – morto – das árvores  
dessecadas.

\*

**A alma** convulsiva  
aberta de arados  
múltiplos  
de pássaros sem vida;  
o peito em aflição,  
sarcófago de brasas  
e ligas de titânio.

\*

**Vão afugentar** as aves  
da noite, vão queimar  
o junco adormecido  
às margens  
do Rio das Ostras,  
do Tatarata.  
Vão afugentar o  
lagarto verde-oliva,  
as larvas brancas,

os mururés  
que tingem  
os mantos d'água.

\*

**A oeste**, o búfalo  
começa seu trajeto  
de animal pesado,  
compacto, negro  
de barrica  
em busca de alimento;  
avança com lentidão  
de máquina parada.  
Mas de repente inicia  
a fuga de seus pés  
de vento.

\*

**O esforço** brutal  
de transportar  
meia tonelada  
de animal bruto  
é uma solidão  
em fuga,  
no arrasto  
dos seres  
malinados.

\*

**Aquele** ogro ardente  
insiste em espalhar  
a morte,  
cinzas, detritos  
de coisas vivas  
pelos lívidos  
espaços  
dos córregos  
irados.

É o fogo...

**Já é tarde** quando  
uma ararinha-azul  
de asas queimadas  
cai do céu aos pés  
de L.P. Cameroni.

# Felinos

**Olhe para** os lados.  
Se for tigre ou onça-pintada,  
dê um salto  
sem tirar os olhos da fera.  
Deixe jamais  
que a sagacidade femi/lina  
perceba  
aquele medo medonho  
que se tem das gatas  
próximas do cio.

\*

**Fique ainda** um pouco  
com o jeito cambiante  
de quem vê passarinho.

\*

**Se o animal** fingir  
que abre a bocarra,  
simule que também  
tem dentes  
tão afiados quanto  
a língua de inimigos  
mortais humanos.

\*

**Acalme-se**, embora  
verde esteja,  
ardendo em febre,  
da força desse urro  
que se desborda  
por trás das cabeceiras.

\*

**Simule** a serenidade  
de um peixe  
(que gatos são carnívoros

mas detestam água).

\*

**Mas o fundamental** mesmo,  
pra que fuja esse bicho,  
é saber que está lidando  
com homem.

# Secos

Os  
rios estão  
secos.

\*

Houve  
tempo em que  
voltavam  
das corredeiras  
punhados  
de pescadas  
amarelas

\*

Hoje sobe  
um vento cardo  
quente  
do leito calcinado,  
chega às narinas  
com cheiro de  
zinabre  
bodum  
enxofre  
vômito  
carniça  
merda

# Globalização

Diga pra mi  
se não há  
coisa mui doid  
nesse mund' meu deus.

\*

Quirin tinha uma filha lind  
que ele vendeu prum  
gordo branquel que vei  
dum lugar paresque  
Norvega.

\*

Quando ela se foi  
naquele carr  
como é que chama?

Limosin  
foi que se rastada  
pelos cabel

\*

Ela gritava  
té sumir nestrad:  
Deixeuficar, meu pai.

Vivo de put  
mas pago por mi  
os dez mir dólar  
que lhos deu o  
gring.

# Tudo tem um fim

**Deste-me** de mim  
só o que eu podia  
dar a ti  
e não mais ficaste  
com os brins  
e balangandãs  
que me ofertaste  
por um dia assim  
em que me amasses  
– até que me cegasse  
o céu que sobre mim  
um dia desenhaste.  
Mas tudo tem um fim.

# *Desde que te amo, estou só completamente*

## **Era oportuno**

o beijo que me deste.  
Soprava o vento leste  
e nada no meu mundo.

Até ficasse mudo  
o que vivias rindo,  
tudo bem passado,  
quase longe indo  
o dia conquistado.

Nem se fincou o arado  
na terra que era tua  
e já estava nua  
mulher, menino e gado  
(veio outra da rua  
coser a tua boca,  
cozer tua comida,  
dormir a tua cama,  
chegar ao meio-dia).

# Partituras

**Do quanto só ficou** o meu gemido  
dos dias que passei entre teus braços  
dormia longe o mar, perto o cansaço  
de ter varado um dia perseguido  
mas feliz por ter desesperado  
de amor um amor – se não querido  
de tanto se negar – talvez partido  
de outro coração despedaçado.

# Sal

**Provê de** temperamento e sol  
esse pó úmido das praias  
a que se chama *areia*.

# Passarinhos

**Quando** chegares,  
bate devagar à porta  
como se dentro dormisse  
cotovia, beija-flor, pintassilgo.

\*

**Não espantes** esse pássaro  
cansado de voos alternativos  
intercontinentais  
e de cruzeiro.

\*

**É certo** que é uma ave forte.

\*

**Mas pensa** que tão logo acorde  
partirá veloz sabe pra onde  
os olhos úmidos de ver  
queimar-se tanto verde,  
rios de aguardente e chumbo.

# Parla

**Tome de** um papagaio  
ainda menino.  
É preciso que se o alimento  
com o milho mastigado  
por um cão tranquilo.  
Depois, ofereça-se a esta ave,  
ao longo de um ocaso,  
um cri-cri de grilos  
e a agitação dos patos.  
Fica assim um animal pronto  
pra cantoria – ou repetição –  
do que se dirá um dia,  
mas também pra fala  
em videoteipe  
de um quase humano dialogar  
com as sutilezas da terra.

\*

**Se o alimento** for bom  
e servido à ave  
duro como gelo,  
com a aspereza  
de um grão-de-bico,  
torna-se rápido  
um animal  
sedento e aspérrimo  
com (nas veias)  
o sangue das bestas  
e das feras  
depois coagulado  
em taças de cristal.

\*

**Será** tão sólida  
e impenetrável

essa comida  
austera  
que só duendes  
e seres improváveis  
nascidos no mais  
suportarão  
tocar-lhe nas estranhas  
fibras de carbono  
da alma passarinha

\*

**até que** finalmente  
morra  
o pássaro desbocado.

# Índio

**Eu que sempre** tive  
a compleição saudável  
de um índio  
eterno das aldeias  
haverei de caminhar  
por fim  
ao cabo de um sol posto  
e algumas asperezas  
com o corpo pulsando de fraquezas  
como um branco  
qualquer?

# De Vincent para Ana

Só: um poema discursivo para gravação em MP5

**Vincent** foi um garoto  
recluso,  
talvez um pouco mais  
soturno,  
só  
um pouco mais sozinho  
que outros meninos  
da mesma idade.

\*

**Fervoroso**  
– como o pai havia sido –,  
pensou: havia  
ali  
um chamado  
para *Ele*,  
no ar, na brisa, no céu  
uma ventura  
no Cosmo,  
um chamado  
para *Deus*?

\*

**Vincent** lia  
a Bíblia  
obsessivamente.  
Queria ser  
“mensageiro”  
de uma Palavra  
que cegasse  
o homem  
por inteiro.

\*

**Mas havia** algo errado,  
em algum lugar

estava tarde,  
em algum ponto  
da prece  
havia um *não*  
atado  
a um coração  
que arde.

\*

**Por mais** que  
estudasse,  
jejuasse,  
orasse,  
não *sentia*  
Deus,  
não  
como poderia  
*não*  
como em verdade  
aquela unção  
próxima da fé  
seria  
(ou deveria ser).

\*

**Ele não** compreendia...

\*

**Era preciso** buscar  
outro *chamado*  
a dar sentido à vida  
onde também possível  
fosse encontrar Deus  
fora dos céus.

\*

**Van Gogh**  
passou a pintar  
quadros,  
a respirar o ácido  
titânico  
das tintas,  
a *placa tectônica*  
das linhas

alucinadas,  
a mesma disciplina  
do fervor religioso:

\*

**horas** incansáveis  
de estudo;  
uma prática feroz  
dos movimentos,  
os intrincados  
nós  
dos pés,  
os polos azuis,  
dos campos  
da Holanda,  
os céus,  
plátanos,  
narcisos  
diáfanos,  
bandas  
de pífanos,  
aves num rochedo.

\*

**Pintou** fluorescentes  
flores azuis,  
campos de trigo,  
girassóis,  
o amarelo  
ouropálido  
dum catre  
num mísero quarto  
sufocado  
de Avec sur Oise.

\*

**Van Gogh** sentia fome  
e trocava sonhos  
por comida.

\*

**Rascunhos,**

exercícios de cor  
feitos no ar,  
feixes de luz invadida,  
desenhos sem “importância”:  
estranhas aves vadias  
um mar agitado  
de corvos,  
algumas flores sanguíneas  
que os comerciantes usavam  
para embrulhar peixes  
no fim do dia.

\*

**Quanto** mais estudava  
– e pintava  
– e jejuava –,  
mais sentia naquele ofício  
o ar de sua vida,  
embora ninguém desse  
importância  
ao que fazia  
aquele moço obsessivo,  
transtornado,  
cheio de manias.

\*

**Pintava** sem cessar,  
sem ver mais nada  
ninguém  
no quadro da retina.

\*

**Vincent** se sentia  
capaz de algo  
*novo*,  
de representar o mundo  
de um modo  
*novo*,  
diferente das telas  
*aprisionadas*  
de outros pintores

que conhecia.

\*

**Mas logo** vieram  
os delírios.  
As alucinações.  
As visões  
misturavam-se às cores  
intensas,  
a tal ponto que não mais  
distinguia,  
quando pintava,  
a pintura pintada  
da realidade  
do mundo  
que havia.

\*

**Vendeu** um único  
quadro  
em toda a vida:  
um mísero vaso de flores?  
talvez  
pintado no deserto  
das epifanias.

\*

**A tortura** de saber-se  
um gênio  
(a quem ignoravam),  
de amargar só  
o futuro que era  
*ele,*  
levou-o a um desacordo tal  
com o mundo  
que preferiu abandonar a vida,  
deixá-la de vez assim  
sozinha  
desapetecida  
a tiros de fuzil.

\*

**Aquele** desvairado ofício  
o consumiu  
vivo,  
um trabalho  
insistente e alerta  
sempre  
(como um guizo)  
uma tarefa  
à qual se dedicara  
por inteiro  
(embora já lhe faltasse  
a orelha esquerda  
e a luz perfeita do juízo).

\*

**Van Gogh** não venceu  
a indiferença  
dos donos de sua época.  
Van Gogh não venceu  
a insensatez  
dos homens de sua época.  
Van Gogh não venceu  
a estupidez  
dos frágeis como ele  
(que não suportam a crueldade  
do mundo).

Mas não importa.

\*

**Van Gogh**

ensinou ao mundo  
que uma alma  
pode mudar  
a rota das estrelas,  
transformar  
campos de escuridão  
loucura  
cinza

nardos

flores vivas

Este livro teve sua primeira edição impressa realizada em agosto de 2010  
pela Projecto Editorial.

E-mail do autor: [reivaldo.vinas@gmail.com](mailto:reivaldo.vinas@gmail.com)



[www.estradoslivros.org](http://www.estradoslivros.org)

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

